

# Stadium

N.º 159 ★ 19 DE DEZEMBRO DE 1945 ✦ PREÇO 1\$50

A 2.ª jornada do Campeonato Nacional constitue uma bela afirmação do futebol português. O equilíbrio das forças concorrentes deixa prever uma grande competição!



Os guarda-redes são obrigados a dura tarefa, quando o adversário ataca com insistência. Jaques, um novo, da Académica, em acção. Armando tenta impedir a defesa. Rafael também está atento ao lance. A's vezes, a oportunidade surge quando menos se espera...

# Temos uma excelente competição

**Segunda jornada que confirma a Primeira — Todos os encontros foram disputados com equilíbrio e vibração — Um dos Grandes tropeça pela primeira vez, fora de Lisboa, dando-nos a imagem do que vai ser o Torneio**

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

**S** e a primeira jornada já prometia uma competição admirável, cheia de surpresas, com altos e baixos, e constantes sobresaltos nos clubes, a segunda confirmou esse vaticínio.

Registou-se apenas um resultado copioso, para não fugir à regra do início. Desta vez, a vítima foi a Académica, que sofreu as consequências das suas condições de vida, com um *team* que, ano a ano, é preciso retocar e reformar, quando não feito de alto a baixo. Todos os restantes encontros, dentro ou fora de casa, transformaram-se em partidas renhidas e excelentemente disputadas pelas equipas em luta.

Pode considerar-se surpresa a derrota dos *leões*. Para nós, talvez a designação não seja apropriada. Porque temos o convencimento de que o campeonato nos vai apresentar muitos resultados deste género. O Sport Lisboa e Elvas continua a marcar. O caso do Pôrto é significativo. Enfim, estamos em presença de um campeonato a sério. Um campeonato que não dá margem a repouso. Por enquanto, o *alargamento* justifica-se. Veremos se, no fim do torneio, podemos fazer afirmação semelhante ou aproximada.

## O empate da Tapadinha

O Benfica está nitidamente em crise. Qualquer outro clube talvez se entregasse — dominado por uma série de azares que o vêm perseguindo. Mas o Benfica reage. No domingo passado, já conseguiu apresentar uma linha que, longe do que poderá vir a ser, ainda assim é muito melhor do que a do primeiro dia: Martins, Gaspar, Cerqueira, Jacinto, Moreira, Pessoa Duarte, Mário Rui, Espírito Santo, Luz, Joaquim Teixeira e Rogério.

Tal conjunto tinha uma difícil tarefa na sua frente — defrontar o Atlético na sua casa. Devemos dizer desde já que os adeptos benfiquenses não se intimidam, mesmo fora de casa. Como se viu na Tapadinha, o grupo esteve carinhosamente amparado por milhares de pessoas.

O *team* correspondeu em todos os aspectos? Não podemos responder afirmativamente. No ponto de vista de qualidade, esteve longe daquilo que pode considerar-se um grupo tecnicamente apto. Quanto a brio, espírito de luta e vontade de dominar a maré alta, nada se lhe pode assacar. O grupo reagiu magnificamente no momento da desgraça!

No primeiro tempo, mantendo-se em ritmo de defesa e ataque, a incapacidade de alguns elementos tornou-se notória. Também a falta de ligação de médios com avançados. Olhos postos no campo, e a figura de Moreira que, mais dia menos dia terá de repousar, sobressaía de entre os restantes! Ele era, verdadeiramente, o animador, o homem que ocorria a todos os sítios de perigo, procurando ligar o jogo. É evidente, porém, que um homem, quasi isolado, não pode fazer tudo. A linha avançada do Benfica, com jogadores que não se entendem, e sem orientação, ou cérebro, não conseguiu fazer ataques de perfuração.

Quasi no fim da primeira parte, foi dada ordem de expulsão a Rogério, e então a cena transformou-se. Obrigado a escolher o caminho da defesa, o Benfica cumpriu e brilhou, pois desempenhava uma função para a qual estava, de momento, mais adestrado. Sob outro prisma, deve dizer-se que a saída do extremo-esquerdo como que revigorou o Benfica. Os dez rapazes jogaram com inextinguível zêlo. Não se pode ter mais espírito de sacrifício.

Pelo contrário, o Atlético deixou-nos melhor ideia na primeira parte. O clube alinhou com: Correia, Baptista, Francisco Lopes, Galinho, José Lopes, Morais, Micael, Armindo, Gregório, Oscar e Marques.

Nesse primeiro tempo, as linhas funcionaram, se não com perfeição absoluta, com o entendimento necessário para o grupo se mostrar um bloco. Boa colocação de todos os elementos e poder de infiltração no campo adversário, embora retardado por muitos toques de retenção da bola. Mas o Atlético não aproveitou algumas *abertas* dadas pelo decorrer do jogo.

Na segunda parte, vendo-se em condições numéricas de superioridade, o grupo lançou-se abertamente ao ataque, instalando-se do princípio ao fim no campo do adversário. Desorientadamente, no entanto. Esse domínio nunca traduziu jogo claro, de passagens lineares, iludindo o obstáculo do adversário. Nada disso. Quando não utilizou o passe curto, e para o lado, a linha dianteira do Atlético quis vencer passando por cima do corpo do adversário. Isto é, procurando destruir o obstáculo que lhe aparecia — pela força. Eis um erro capital. Porque os benfiquenses suportaram o embate, afirmando em todos os momentos: — Estamos aqui para o que der e vier...

Uma bola conquistada em remate feliz de um novo Interior atlético não podia, de forma alguma, deixar margem a tranquilidades. Realmente, numa fuga, e um tanto inesperadamente, o Atlético viu-se com um resultado igual, vendo fugir uma desejada vitória. Ainda fez tudo quanto pôde para modificar a situação, mas o empate era sólido. O problema estava decidido.

O *goal* do Benfica foi muito discutido. Resultou de lances que não pareceram irregulares pela colocação de jogadores *fora de jogo*. Não sendo uma jogada clara, é evidente que podemos estar fora da razão, porquanto, a meio do campo, a perspectiva engana. Mas do que não há dúvida é que a atitude dos *atléticos*, parando, a reclamar, e consentindo a bola, não tem justificação possível. Eles castigaram-se por suas próprias mãos. O desaflo da Tapadinha teve dúvidas, incertezas e grande emoção! Também coisas que o tornaram fêlo, desfigurando o futebol. O estado em que se encontra o jogo já não se compadece com o truque, ou o lance de tração. No fundo, os próprios apaniguados clubistas condenam a acção do jogador, quando indesejável. Mais um empate para a história.

## O «castigo» da Académica

Seria injustiça um juízo definitivo da Académica baseado nos 7 a 0 das Salésias. Lembremo-nos que semelhantes percalços sucedem a todos os grupos, mesmo aos de maior categoria. Os estudantes têm atenuantes de vulto, e já não referimos a falta de Lemos, Conceição, Faustino e Lomba, para citarmos, especialmente, a vulnerabilidade do seu guarda-rêdes. Ora, todos sabemos a influência exercida por esse jogador no resto do grupo. Se uma equipa não sente que tem nas rêdes um homem de confiança, decai e abandona na luta!

Deve dizer-se, no entanto, que os académicos revelaram qualidades. Trata-se de um onze jovem, forte e aguerrido, que não se intimida com a força do adversário. Poderíamos concluir que, tendo presentemente um grupo relativamente fraco, a Académica tem, contudo, um *team* de futuro. A prova está na maneira como o grupo se bateu nos primeiros vinte minutos, infiltrando-se o seu ataque com facilidade pelas malhas adversárias. Enquanto funcionou bem, o onze mostrou ligação e as suas peças

fundamentais cumpriram. Os rapazes de Coimbra chegaram a dar a sensação de que o Belenenses se encontrava em tarde de infelicidade.

Sucedeu, no entanto, o que tinha de acontecer, dada a qualidade do futebol de Belém. Por um lado, a sólida defesa belenense realizou a sua já conhecida função de desgaste na avançada contrária, e por outro o folêgo começou a atraí-los os jogadores das capas negras, diminuindo a energia, que não o entusiasmo e a boa-vontade.

De 2-0 a 7-0 vai uma grande distância. Aquela que separa um *team* no máximo das suas qualidades de um grupo que quer mas não pode. Como simples nota, cumpre-nos referir um livre marcado por Feliciano, com direcção e força, que fez entrar a bola nas rêdes. Até neste pormenor Feliciano está um grande jogador!

Tudo quanto digamos não diminui o mérito da vitória do Belenenses. Caso curioso: apesar dos números das Salésias, parece-nos que a linha atacante do Belenenses está a entender-se com menos perfeição, ou melhor, não está a dar tão grande rendimento como no auge do Campeonato de Lisboa.

O *Belenenses* formou os seguintes jogadores: Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Coelho, Elói, Armando, Quaresma e Rafael. *Académica*: Jaques, Mário Reis, Albino, Aristides, Braz, António Maria, Angelo, Azeredo, Garção, Nana e Bentes. Árbitro: Trindade, de Setúbal.

## Pôrto convence!

Todas as épocas se diz que o grupo de Futebol Clube do Pôrto está em decadência, tendo os juízos como guia a sua actuação no campeonato do Pôrto, e todas as temporadas o campeão do Norte acaba por se impor como adversário valoroso. Este ano, sempre, e sempre, aliás, mas com a vantagem de um guia excepcionalmente avisado e sabedor, o Pôrto só nos dará, por certo, a sua verdadeira medida um pouco mais lá para diante. Esta saída do Pôrto a Setúbal constitui um grande êxito para os portuenses. O resultado impressiona-nos, mesmo, pois nós vimos em acção os setubalenses contra o Benfica e temos na imaginação um bom grupo, de defesa ligada e de ataque vivo e rápido.

No entanto, o Pôrto venceu. É certo que tudo coincide quanto a uma coisa: no que diz respeito ao domínio territorial. Parece que o Vitória dominou muito mais que o Pôrto. Mas já se tem acentuado muitas vezes que a conquista do território pode, além de não representar utilidade, não indicar vantagem de jogo. Tudo depende do processo de futebol adoptado pelas equipas, e Szabo, por exemplo, não é partidário do passe curto e filigranado, sem objectivos definidos.

O jogo reflecte-se em uma simples frase: o Pôrto aproveitou magnificamente as suas infiltrações, conservando intactas e solidamente ligadas as linhas defensivas. De sorte que todas as reacções setubalenses esbarraram sempre com um plano defensivo bem praticado e executado, resultando nulas. Pelo que dizemos, mas também por que o Vitória não teve talento prático! Tal faceta já demonstrara o clube no Campo Grande. Julgamos até que o reconhecimento desta verdade levou os orientadores do *team* a colocarem Rodrigues a ponta-direita. Trata-se de um jogador qu-

## CAMPEONATO NACIONAL DOS 12 CONCORRENTES

tem magníficos pés, mas a verdade é que é parcimonioso na sua utilização. Como acontece a outros, verdade seja.

Além de tudo, o Pôrto demonstrou que dispõe de rapazes que servem muito bem como função de reservas. E há quem diga que estas competições se ganham tanto com titulares como com reservas.

Os grupos alinharam da forma que segue. **Vitória:** Baptista, Peireira, Arlindo, Pacheco, Pina, Figueiredo, Rodrigues, Nunes, Cardoso, Pereira, Rendas e C. Santos. **Pôrto:** Barrigana, Alfredo, Guilhar, Anjos, Romão, Nano, Lourenço, Araújo, Correia Dias, Freitas e Joaquim. Árbitro: João Vaz, de Lisboa.

### Hurrá pelo Boavista!

Vencer é sempre bom, mesmo que o adversário seja de fraca categoria. Mas vencer um Sporting, com o prestígio de grande clube, a que corresponde um *team* de incontestável categoria, é proeza de saúdar com a vénia dos grandes acontecimentos.

O Sporting sofreu grande percalço. Apresentou-se em campo com uma confiança ilimitada que nem a marcação do *goal* conseguiu abalar. Quando quis — já não podia, passando o tempo com mais velocidade...

É interessante frisar que, tanto num como noutro onze, destacaram-se as linhas defensivas. Isto indica que os ataques trabalharam, mas foram dominados pelos que defendiam. Vê-se pelo resultado. O caso sportinguista, pela insistência, parece-nos particularmente grave. A dianteira joga para o avançado-centro, considerado, e muito justamente, um dos maiores rematadores portugueses. Todavia, como a marcação feita ao referido atacante quasi sempre resulta, e continuamos convencidos que isso se deve ao processo fixo adoptado pelo referido elemento, acontecerá mais vezes os *leões* perderem, apesar de dominarem. Ora, se os outros marcassem bolas, ainda a coisa passava...

O Boavista subiu alguns furos acima no conceito geral. A alteração introduzida no grupo, e várias vezes já tentada com êxito, de Serafim no eixo da linha medular, deu bons resultados. Porque o grupo evidenciou homogeneidade e entendimento. Eis uma coisa muito curiosa no futebol moderno: todos os grupos têm uma noção mais ou menos perfeita da técnica do futebol.

O ataque dos portuenses, vivo e mexido, deu que fazer. O do Sporting revelou abundância de passagens, o que não está na tradição clubista. Mas qualquer das defesas portou-se bem, repetimos. A acção do guarda-rédes portuense foi decisiva nos casos graves. Particularmente em um remate magnífico de Peyroteo.

Sem dúvida, esta vitória pode desempenhar acção benéfica no futuro do *segundão* portuense. Eis as linhas:

**Boavista:** Mota, Silva, Vinagre, Chaves, Serafim, Raimundo, Zeca, Armando, Sousa, Calado e Gonçalves. **Sporting:** Azevedo, Cardoso, Barroso, Lourenço, Veríssimo, Manuel Marques, António Marques,

Cordeiro, Peyroteo, Albano e João Cruz. Árbitro: José Teixeira, de Braga.

### O empate em Braga

São poucas as notícias que nos chegam de Braga. Elementos escassos. Mesmo assim, julgamos possível dar as linhas gerais do que se passou no campo da Ponte.

O Olhanense, na sua primeira deslocação, e longa deslocação, afirmou-se o *team* sério que na verdade é. Dizêmo-lo com sinceridade: eis o grupo que mais vontade temos de ver em plena acção, mas em circunstâncias especiais. O ataque cumpriu e brilhou. Quere dizer, deu a sua justa medida. Todos se mostraram destros no domínio da bola e na condução do jogo. Cada um no seu estilo, e uns dando mais rendimento do que outros, o que nos parece pormenor a ter em conta. Cabrita atraiu as atenções gerais, aparecendo como vedeta. Mas teve esplêndidos auxiliares. Este ataque obrigou a defesa de Guimarães a trabalho aturado. Pode dizer-se que tais elementos não tiveram um momento de descanso.

Precisamente, a defesa do Vitória de Guimarães aparece com mais consistência do que a algarvia. De resto, já vem notando-se há muito tempo uma espécie de desequilíbrio entre o aspecto defensivo e o ataque algarvio, agora reforçado com um valor positivo.

O *team* de Guimarães parece encontrar-se numa fase particularmente feliz, se atendermos à sua constituição, com elementos já conhecidos. A idêla deixada no estádio do Lima persiste na Ponte, em Braga. Os algarvios prepararam-se para deixar um rasto de fama na presente competição.

Não pode deixar de tomar-se em consideração o facto do Vitória não poder utilizar, por enquanto, o seu campo de Benlhevaí, pois dada a rivalidade regional, o ambiente em Braga está longe do que deveria ser. Os grupos alinharam: **Vitória de Guimarães:** Machado, Garcia, João, Luciano, Curado, José Maria, Frankim, Miguel, Brioso, Alcino e Arlindo. **Olhanense:** Duarte, Rodrigues, Nunes, João dos Santos, Grazina, Loulé, Moreira, João da Palma, Cabrita, Salvador e Palmeiro. Árbitro: Vieira da Costa, do Pôrto.

### A proeza de Elvas!

Manuel Mota assistiu ao encontro de Aveiro e diz o seguinte, no *Mundo Desportivo*, do Sport Lisboa e Elvas: «Os jogadores sabem estar no terreno, têm colocação e entregam bem a bola uns aos outros, caminhando com facilidade para a baliza do adversário».

Isto significa que temos na competição um *team* que sabe jogar, e que não se limita a defender-se e a desejar bons resultados, mas que tem a audácia do ataque e a consciência do seu valor. A característica do grupo de Elvas é a do conjunto como, de resto, acontece modernamente em quasi todos os onze do país. Todavia, há na gente de Elvas um aspecto curioso. Não pratica o futebol de triângulos reduzidos, preferindo, antes o

## «STADIUM» MELHORA O ASPECTO GRAFICO

**Q**UANDO iniciámos a publicação da revista «Stadium», no seu novo ciclo de existência — já lá vão três anos — propusemo-nos cumprir com seriedade o nosso dever, isto é, fazer número a número «mais e melhor», sem o mais leve afrouxamento de tenacidade.

Assim, a Revista «Stadium», a partir do próximo mês de Janeiro, modificará o seu aspecto gráfico — introduzindo-lhe sensíveis melhoramentos. Dar-se-á, deste modo, realidade a um desejo que acalentávamos há muito tempo.

Para cobrir uma parte dos novos encargos que acarreta a beneficiação agora levada a cabo, o preço da Revista «Stadium» passará a ser de 2\$00. Esperamos que os nossos leitores e amigos continuem a dar-nos a boa aceitação de sempre, na compieensão do permanente esforço que fazemos.

Cada leitor, conseguindo um novo comprador ou assinante, auxilia uma obra a que damos vida mas que é fundamentalmente do Desporto. Aqui agradecemos a todos, desde já, o seu interesse e aplauso.

A ADMINISTRAÇÃO

## HIPISMO

### A Taça «Marechal Teixeira Rebêlo» foi ganha por Travassos Lopes

Em benefício do Fundo de Assistência da Liga dos Antigos Alunos do Colégio Militar realizou-se no passado domingo um festival hípico no campo do Jockey Clube, que, apesar do mau tempo, foi presenciado por bastante público.

A prova de fundo, denominada «Marechal Teixeira Rebêlo», despertou um justificado interesse, porque se tratava do Campeonato Nacional de Saltos em Altura, pela primeira vez disputado em Portugal.

Pena foi que, por falta de varas apropriadas — diga-se que foram

passes de eficiência, ou transporte de bola pelos extremos, que a passagem linear e em profundidade. Sem dúvida, um grupo com tais objectivos poderá surpreender qualquer adversário!

O Oliveirense também não alinhava, ao que parece, na escola do futebol curto, de lado para lado, e raras vezes para a frente. Procura tirar partido dos extremos ou da falta de cobertura no terreno. No passado domingo, em Aveiro, o Oliveirense teve a oportunidade de conquistar o seu primeiro triunfo. Perdeu-a por falta de remate. De resto, toda a segunda parte foi disputada em pequenos golpes e jogadas de pormenor, sem o sentido das realidades. Sinal de que o bom método estilizado não foi bem aplicado. E não faltou entusiasmo, nem vibração. No decorrer da partida provou-se, e com que eloquência! que qualquer das defesas chegava para o ataque.

**Oliveirense:** Teixeira, Henrique, Joaquim, Oliveira, Adelino, José Tavares, Domingos, João Tavares, Santos, Zeca e Armando. **Elvas:** Semedo, Santos, Fernandes, Alcobia, Rana, Ameixa, Morais, Massano, Bataleiro, Aleixo e Quim. Árbitro: Vasco Ataíde, de Coimbra.

muitas as inutilizadas — o júri resolveu interromper a prova quando os concorrentes já haviam chegado a 1,80 m., concedendo os cinco prémios aos cavaleiros de melhor actuação, mas não atribuindo a nenhum o título de Campeão Nacional. De resto, a marca conseguida era inferior a algumas alcançadas este ano, nomeadamente à do «Paiol», na «Taça de Honra» de Lisboa, e à do «Congo», em Madrid, ambas de 1,95 m., e ainda à de «Xerez», que, saltando 2 m. na capital espanhola, triunfou na prova de «Gañadores».

O 1.º lugar foi atribuído, e com inteira justiça, ao capitão Travassos Lopes, que, com o «Académico», transpôs à primeira tentativa 1,50 m., 1,60 m., 1,70 m. e 1,80 m., ao passo que o capitão Barrento, no «Raso», saltou as mesmas marcas, mas com o último obstáculo galgado à 2.ª tentativa. Coube-lhe, contudo, o 2.º lugar.

O «Congo», «Abrunho» e «Zuari», montados respectivamente pelo capitão Reimão Nogueira, alferes Henrique Calado e tenente Alves Pereira, alcançaram os restantes prémios.

Além destes cinco concorrentes, estavam ainda apurados para o salto de 1,85 m. o «Xerez», o «Marvão» e o «Bélver», com Rangel de Almeida, José Morais e Mena e Silva.

Antes desta prova, à qual assistiu um representante do Chefe do Estado e o Sub-Secretário de Estado da Guerra, os alunos do Colégio disputaram a «Taça General Craveiro Lopes», que foi ganha por Ivens Ferraz no «Querhoje», depois de um percurso feito com entusiasmo.

E' de assinalar ainda o bom comportamento de Pimenta da Gama no «Beduíno» e de Sousa e Faro no «Jocoso», classificados em 2.º e 3.º lugares.

ANTAS TEIXEIRA

Ano IV — II Série

Lisboa, 19 de Dezembro de 1945

N.º 159

**Stadium**  
REVISTA DESPORTIVA  
Propriedade da SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA  
Director e Editor: DR. GUILHERMINDO DE MATOS  
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA  
Execução Gráfica de NEOGRAVURA, LIMITADA — LISBOA

# O "Atlético" JOSÉ LOPES expõe opiniões curiosas

Por certo conhecerá V., meu caro leitor o Operário Vilanfranquense — um clube de boas tradições na propaganda e actividade do futebol, campeão crónico do Ribatejo, e em cujos «teams» se têm formado jogadores de intuição para a prática do popular jôgo? E também já tem apreciado as qualidades do José Lopes, o actual médio centro do Atlético? Pois é um produto do popular clube de Vila Franca de Xira, um dos elements do «Invencível» grupo de infantis, que há mais de uma dezena de anos ali imperavam, fazendo alarde da suas habilidades futebolistas.

José Lopes — que entrava oficialmente no futebol ao 17 anos de idade, quando tinha já 5 anos de jogador da bola, tem marcado uma boa posição no grupo alcantarense, onde tem estado presente desde os tempos do popular e aguerrido Carcavelinhos. Já lá vão dez anos de actividade!

— E dá-se bem lá pelo clube de Alcantara? — perguntámos-lhe uma destas tardes quando lhe cortámos o passo à saída do emprêgo.

— Admiravelmente, responde-nos sorridente. Essa pergunta obriga-me, sem esforço, a dar-lhe a boa impressão que todos nós temos da forma como somos acarinhados e tratados no Atlético, não só pelos sócios como pelos dirigentes, que são de uma amabilidade cativante. Quanto ao grupo de futebol, garanto-lhe que o norteia um significativo sentido de camaradagem. Dentro do «team» vive-se em regime de constante amizade. Quere um exemplo?

José Marques, o popular «Padeirinho», é um excelente rapaz. Belo companheiro e um modelo de bom chefe de família. Embora ainda muito novo, vê o seu lar embelezado pelo sorriso de quatro filhos. Mas as vidas vão más e nós resolvemos ir junto da direcção pedir para o nosso companheiro de «equipé» um auxílio destinado a cada pequerrucho. Uma espécie de «abono de família...»

Concordámos logo que, como espirito de camaradagem, o exemplo era edificante.

— Gosta de estar no Atlético?

— Muito. De resto é o meu clube. Posso-me considerar da família, pois tenho 10 anos de casa!

Começámos em seguida a falar de futebol:

— V. que, durante anos, jogou a médio lateral, aparece-nos agora ao centro? Não seria melhor a linha de médios do ano passado?

José Lopes vai responder-nos. Com argumentos técnicos.

— A linha do ano passado formada por mim, Gregório e o meu irmão Francisco Lopes, atingiu boa forma. Acertámos bem não só no esquema de jôgo, como no seu desenvolvimento dentro do terreno. No entanto, a transformação — meu irmão à defesa, eu ao centro e o Gregório à frente, passando a linha média a ter a constituição que sabe Galinho, eu e Moraes — não foi pior. Penso até que trouxe vantagens.

José Lopes expõe o seu ponto de vista.

— Se bem que eu tenha sido sempre um médio lateral, o sistema de marcação constante ao jogador não me agradava e estorvava até o meu rendimento de jôgo. Entendo, sim, a marcação mas não da forma como se está fazendo, tornando-nos verdadeiras «carroças» uns dos outros sem deixarmos sequer um limite de terreno. Tal qual como está sendo desenvolvido o sistema de marcação êle só pode servir a um jogador que tenha feitiço para estar quasi parado, feito sentinela, durante 90 minutos do jôgo. Por isso, sinto-me melhor a médio centro. Vê-se melhor o jôgo, pode-se «pensar» um pouco. Eu prefiro-o, talvez por ter sentido de antecipação.

— Como apreciou a classificação do Atlético no Campeonato de Lisboa?

— Com um pouco de sorte e sem um erro de arbitragem sempre teríamos ocupado um lugar mais lisongeiro. Teríamos, pelo menos, entrado nas Salésias em busca do título.

— E no «Nacional»?

— As dificuldades aumentam. Em tudo e para todos. No entanto, espero boa classificação, tanto mais que, é inegável, estamos jogando bem. A prova é dura e longa, mas o «team» atlético deve ser regular.

José Lopes dá-nos outra opinião.

— É um campeonato em que todos os jôgos e todos os grupos são difíceis. Tem uma característica interessante, verdadeira. É o campeonato onde os que começaram fortes podem enfraquecer e os que andaram arredios das boas exhibições se recompõem.

— Dos novos adversários, qual é o que lhe dá sensação de mais apetrechado?

(Continua na pág. 6)

FERNANDO SA'



1 — José Lopes destaca-se também na grande competição da vida!

2 — De regresso ao lar...



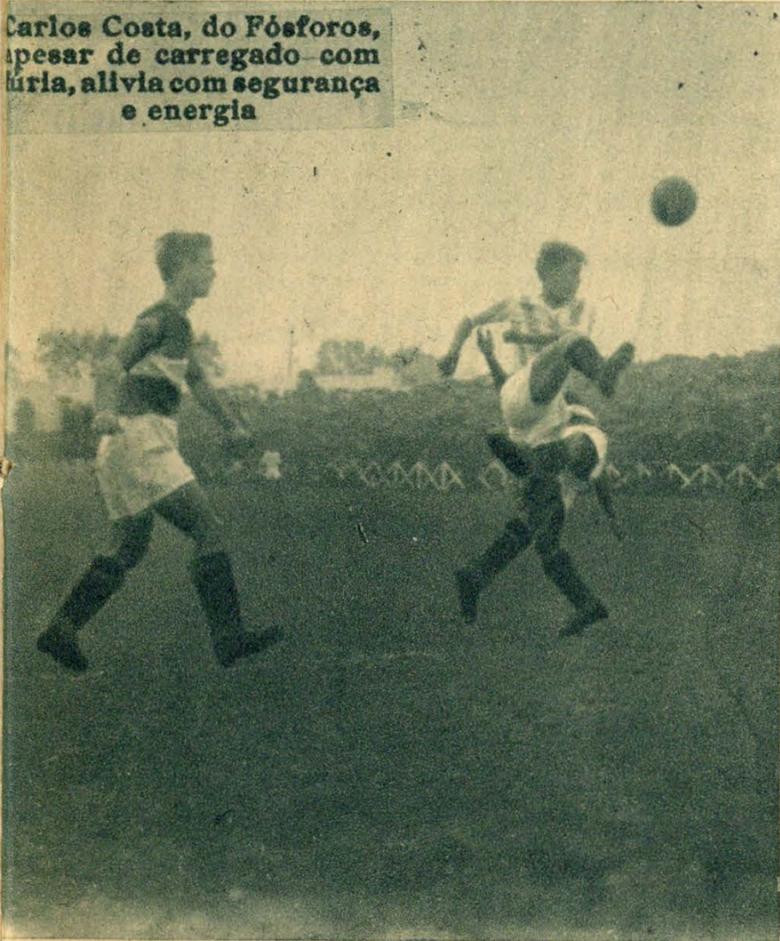
O grupo de honra do Marvilense



O grupo de honra do Fósforos

# O Grande encontro da 2.<sup>a</sup> Divisão

Carlos Costa, do Fósforos, apesar de carregado com a bola, alivia com segurança e energia



*A Segunda Divisão da Associação de Futebol de Lisboa já tem grande importância, como a jornada do passado domingo sugestivamente atesta. O desafio entre Fósforos e Marvilense poderia ter decidido o problema, se a frescura do Marvilense não encontrasse na sua frente a experiência do Fósforos.*

*Eis dois clubes que, vivendo no mesmo ambiente, são dignos adversários, dentro e fora do campo. Dois clubes igualmente grandes na nobreza dos seus propósitos desportivos.*

Uma fase do ataque do Fósforos junto às balizas do Marvilense defendidas por Ernesto



Mário Coelho tenta uma fuga para aplicar em seguida o seu forte remate. Albino parece na disposição de não o deixar passar



# A entrevista com José Lopes

(Continuação da página 4)

— O Olhanense. Para todos os concorrentes deste campeonato, a viagem a Olhão deve ser a mais difícil de vencer com glória. Tenho sobre o assunto esta opinião: No seu campo cada grupo vale por trinta e três jogadores...

Mas há ainda um outro pormenor, bem importante, que caracteriza este campeonato.

— ?  
— As deslocações. É um assunto que tem de merecer rápida atenção por parte dos dirigentes federativos. As viagens dos grupos de futebol no decorrer deste campeonato arrasam-os. Dou-lhe este exemplo:

Fomos jogar a Coimbra. No regresso, depois de termos de andar a fazer horas até à 1 da madrugada, viemos em pé todo o caminho. Depois de 90 minutos de jogo, creio que merece ser ponderado este caso. O Atlético trazia cinco jogadores magoados que, como os restantes, tiveram de agüentar a viagem a pé firme. Os resultados disto sintemo-los nós, semana a semana...

José Lopes, que, no decorrer desta conversa, tivera sempre uma opinião sensata para *ilustrar* as suas impressões de jogador da bola, havia de ter também uma opinião acerca do futebol, na generalidade. Procuramos essa informação.

— Que lhe parece o futebol de hoje? Melhor do que há uma dezena de anos, quando vestiu a camisola do Carcavelinhos?

A resposta foi desembaraçada.

— Muito melhor. Eu ainda vi jogar um Pepe, e tantos outros *príncipes* da bola dêsse tempos. Mas hoje joga-se melhor, com mais técnica. É um futebol mais perfeito. Mas esse desenvolvimento requer que se tenham outros cuidados e pensamentos acerca do jogo da bola.

O jogador atlético obriga-nos a nova interrogação. Mas prontamente desenvolve o seu pensamento.

— É tempo de se pensar a sério em dois aspectos importantes do futebol português: A Caixa de Previdência e a questão do profissionalismo no futebol nacional.

O primeiro caso interessa a todos nós, sempre expostos a um acidente de jogo ou de viagem. O profissionalismo constitui o outro aspecto importante. E convém ao futebol português resolvê-lo, acabando de vez com o disfarce em que anda metido. Não falo assim pensando em mim ou na maioria dos meus companheiros, que o sistema para nós já viria tarde. A vantagem do profissionalismo, no futebol do nosso país, recairia nos *novos*, nos que começam agora, como nos que hão-de vir. Quanto a mim, que não pretendo viver à custa da bola, prefiro o emprêgo—o meu verdadeiro futuro.

Anotamos mais esta opinião e pedimos outra, logo de seguida, não esquecendo que no *team* do

Atlético existe um irmão do nosso entrevistado—o Francisco Lopes.

— Meu irmão é um bom elemento. Já foi o melhor médio do futebol português, sobretudo quando formou nesse sector comigo e com o Gregório.

Actualmente, no seu lugar de defesa, tem cumprido satisfatoriamente, beneficiando da facilidade de colocar a bola no jogador que deseja.

As sensatas opiniões de José Lopes levaram-nos, com interesse, a pedir-lhe que nos dissesse quais os jogadores portugueses que mais apreciava.

— Nas rêdes, indiscutivelmente, Azevedo, depois o atlético Correia. Na defesa, Feliciano e Gaspar Pinto; médios, Amaro, Moreira e Francisco Ferreira; avançados, Rafael, Micael, Peyroteo, João da Palma e Quaresma.

Não há dúvida que terminou tecnicamente bem esta conversa com o jogador da bola José Lopes—com uma contribuição para a selecção de futebol...

FERNANDO SÁ

## 2.ª DIVISÃO DA A. F. L.

# O FÓSFOROS é quasi campeão...

A penúltima jornada do campeonato da II Divisão da A. F. L. provocou nova mudança de «leader» e não esclareceu a dúvida que existia sobre quem virá a ser o vencedor da prova de 1945-46. Isto quer dizer que o interesse pelo desfecho da competição será mantido até à última jornada.

É certo que o Fósforos reúne, agora, grandes probabilidades de suceder ao Chelas na lista dos vencedores da prova. Mas nem por isso deixará de haver quem pense num deslize do Fósforos... recordando-se talvez da sua recente derrota perante o Operário, que tantos prognósticos contrariou.

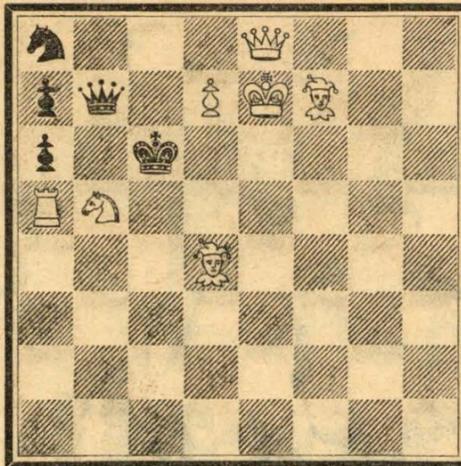
O que a décima-terceira jornada decidiu foi a questão do último lugar. Agora é que já nada valerá aos esforçados «encarnados» de Olivais. Quanto às posições intermediárias, a pontuação com que os clubes ficaram depois dos encontros de domingo é de molde a permitir algumas oscilações—ainda que ligeiras.

A ordenação dos oito concorrentes antes da última jornada era a seguinte:

1.º Fósforos, 33 pontos; 2.º Marvilense, 32; 3.º Chelas, 30; 4.º Operário, 25; 5.º Sacavenense, 24; 6.º Casa Pia, 23; 7.º Futebol Benfica, 22; 8.º Olivais, 19.

## PROBLEMA XII

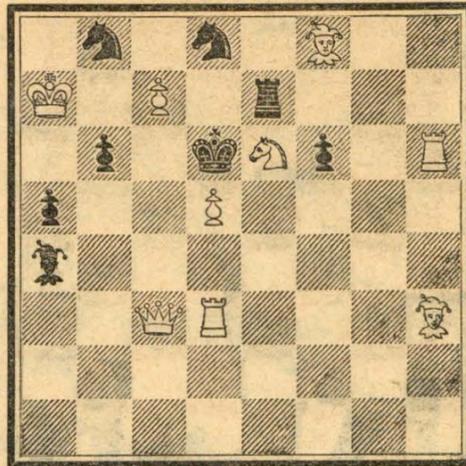
«Stadium»



2 X

## PROBLEMA XIII

«Eldorado»



2 X

## EXERCÍCIOS DE RECONSTRUÇÃO DE PROBLEMAS

(Continuação do número anterior)

Concluindo-se o estudo anterior, é de crer que o capítulo do jogo temático se ache solucionado. Completaremos seguidamente a análise das variantes secundárias.

Como ponto de partida desta nova fase, podemos tomar os ele-

mentos determinados pelos mates Tc5 e Tb6.

Ora esta relação indica-nos a colocação indubitável de uma Torre branca em b5—única disposição que permite o duplo mate. A primeira variante é decididamente uma *intercepção negra* e a segunda originada por uma *auto-obstrução*.

Especifiquemos: na variante 1... Cc4 2. Tc5 teremos o efeito da intercepção de uma Torre negra, que, sendo assim, se encontra na coluna C. Tudo indica que o cavalo que intercepta é o mesmo que joga a f7, estando colocado, por conseguinte, e5.

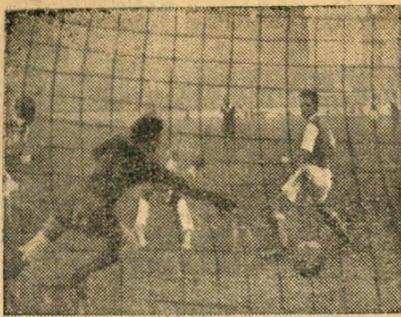
No segundo caso teremos de localizar a Dama preta. Tarefa fácil, pois deve estar num ponto para onde converjam as direcções d5 e g4. Comprovada a impossibilidade de estar na 5.ª travessa, concluiremos que a casa é a g2. Teremos, pois, as restantes variantes: 1... Dd5; 2. Tb6 (auto obstrução) e 1... g4 2. d5 (abandono de guarda). Assim se acha resolvido o maquinismo parcial de todos os mates do problema. Falta apenas guardar as casas do campo do rei negro, verificar possíveis demolições, duais ou insolubilidade, e, ainda, alguns retoques no capítulo estético.

Os problemistas principiantes terão aqui a oportunidade de se exercitarem nesta importante particularidade da técnica de composição. Eis o esquema a completar: 2D1b3-2tP2(RR)-2r1(p) T2-1T2c3-3P4-8-2(t) 2d1-8.

ça... mas a vitória foi arrancada a ferros. Isto porque, tendo dominado com insistência durante toda a segunda parte, só nos derradeiros minutos logrou desfazer um empate enervante.

Chelas e Sacavenense forneceram a luta mais equilibrada da jornada. As duas equipas empenharam-se com entusiasmo e o resultado manteve-se indeciso por largo tempo. Tanto bastou para o interesse constante do público. Os chelenses estiveram na pouco agradável situação de vencidos, mas puderam recompor-se e provocar o desfecho mais lógico que a luta poderia ter.

Diamantino Dias



Campeonato de futebol, em França — O grupo de Reims marca uma bola ao Red Star

# A vida desportiva POR ÊSSE MUNDO FORA

## NOTA DA SEMANA

**S**EMPRE que determinado desportista atravessa as fronteiras do seu país para competir com outros de diferente nacionalidade, especialmente no caso de praticar géneros de desporto como o boxe, a luta, a esgrima, o xadrez, etc. de características essencialmente individuais, reveste-se, mesmo contra vontade, de uma missão representativa. Bem sabemos que, muitas das vezes, essa circunstância carece de lógica; no entanto, é quasi sempre consequência insensível, mas inevitável, da própria realidade.

Nem podemos ignorá-lo nem julgamos conveniente fingir que tenha somenos importância. Há casos, todavia, cujo aspecto particular merece ser pôsto em lugar apropriado, para evitar exageros de apreciação crítica ou liberdades contrárias à boa ética desportiva universal.

Em resumo: durante a primeira quinzena do corrente mês competiram em Espanha alguns pugilistas profissionais portugueses e um xadrezista amador. Os primeiros, com sorte vária nas suas aparições, puseram em foco, por duas vezes, defeitos e insuficiências que responsabilizam o indivíduo sem atingir as côres da sua nacionalidade.

Um foi pouco corajoso; o outro mostrou carência de valor técnico.

Traçando-se, muito embora, de indivíduos que praticam o desporto colhendo benefícios pecuniários, têm por dever inalienável dignificar o próprio nome, perdendo ou ganhando com galhardia e sem se exporem ao ridículo. O contrário seria ofender a ética desportiva nos seus fundamentos essenciais. E foi, precisamente, isto que sucedeu aos referidos jogadores de boxe!

Para contraste, benéfico e luminoso, Francisco Lupi, campeão de Lisboa de xadrez, portou-se com brilhantismo durante todo o Torneio de Oporto, ficando classificado em 4.º lugar entre 14 concorrentes de mérito. O seu êxito, ainda que sob o aspecto representativo se considere puramente oficioso, concorreu para ilustrar o desporto lusitano, atenuando as insuficiências e mazelas que outros portugueses exibiram por terras de Espanha.

Rafael Barradas

## FUTEBOL

### O desafio Inglaterra-Bélgica

No dia 19 de Janeiro de 1946 deve efectuar-se no Estádio de Wembley o desafio entre as selecções nacionais inglesa e belga. Estes últimos já iniciaram a sua preparação com vistas ao futuro match.

#### «Um goal relâmpago!»

O facto aconteceu na semana finda, durante o desafio Northampton Town-Notts County, na Inglaterra. Quando o árbitro apitou para dar início ao jogo, o avançado do North, Merrill, atirou a bola para Blunt, meia-direita, que a passou ao médio respectivo Lowery. Este evitou um jogador contrário e atirou-a em balão, que Morrall aproveitou de seguida, introduzindo o esférico nas rédes. Tempo consumido nesta manobra: 16 segundos e meio.

Constituiu, ao que parece, um recorde mundial de rapidez.

## BOXE

### Da vitória à cadeia

O pugilista irlandês Bert Hyland, homem relativamente bem cotado no meio do boxe, causou grande surpresa ao derrotar por pontos, de maneira infosismável, em 8 assaltos, o campeão de Inglaterra dos «meios-médios» e «médios» Ernie Roderick.

Desde o princípio da luta, o irlandês partiu ao ataque, impondo com tal autoridade o seu domínio que o adversário, embora voluntarioso, teve de submeter-se.

Imediatamente após a vitória, Bert Hyland foi capturado pela polícia e por agentes da RAF sob acusação de ter desertado em Junho findo do serviço desta última corporação militar.

### Os portugueses em Espanha

Os pugilistas portugueses acabam de sofrer em Espanha um importante revés. Augusto de Sousa, que tem boxado contra os melhores «meios-médios» do país vizinho, foi abatido por K-O às mãos de Juanito Martin e Ernesto Sales, modestíssima terceira série, oposto a Fidel Arseniaga, nunca existiu na sua frente, devendo-se à intervenção do árbitro não vir de maca para Lisboa.

Só António Mateus se houve com mais discrição, perdendo por pontos ante Librero.

### A Austria vence a França por 4-1

REALIZOU-SE em Viena o desafio de futebol entre os grupos representativos da França e da Austria. Os franceses eram favoritos, por virtude dos resultados conseguidos contra os ingleses, mas perderam nitidamente por 4 bolas a uma. A Federação francesa, despeitada com o insucesso, deseja realizar em Janeiro um match-desforra.

### A Inglaterra escolhe o seu «team»

APÓS seis anos de interregno forçado, realizou-se na Inglaterra um desafio de futebol entre duas equipas mistas, de «prováveis» e «possíveis», a fim de seleccionar o onze representativo do país que competirá em Janeiro contra a Bélgica.

As principais preocupações de momento resumem-se na escolha do defesa esquerdo, inferior direito e da asa esquerda. A rivalidade entre Lawton e Stubbins para o posto de avançado-centro mantém-se ainda, mas a classe do primeiro é evidentemente melhor.

Pye, do Notts County, e Matthews são indiscutíveis, enquanto que Barrass figura ainda como possível. Outro tanto acontece com Leslie Smith e Mullen.

Não restam dúvidas que a Inglaterra quer ganhar com retumbância, atenuando os efeitos do empate contra a França e os resultados do famoso Dynamo de Moscóvia, bastante embaraçosos para o seu prestígio.

## RUGBY

### O Quinze Militar Sul-Africano em Inglaterra

O grupo de «rugby» do Exército Sul-Africano obteve o seu primeiro triunfo em Inglaterra, ganhando, em Caterham, ao quinze da Brigada dos Guardas, por 16-0. O tempo estava péssimo, nevando continuamente, mas apesar dessas desfavoráveis condições atmosféricas, dominaram o adversário, praticando um jogo magistral. Os jornais compararam-nos aos neo-zelandeses, os Kiwis, quanto a poder, mas consideraram-nos superiores em velocidade e versatilidade.

Espera-se que os dois teams venham a jogar entre si, proporcionando um excelente espectáculo, durante o mês de Fevereiro de 1946.

## TÊNIS

### Uma velha glória que reaparece

O famoso jogador de ténis William Tilden, que foi durante mais de doze anos primeiro entre os melhores de todo o mundo, reapareceu há uma semana em Los Angeles. Seu adversário, Les Stoefen, muito mais jovem, não conseguiu derrotá-lo num encontro celebrado em terra batida.

### Ainda a Taça Davis...

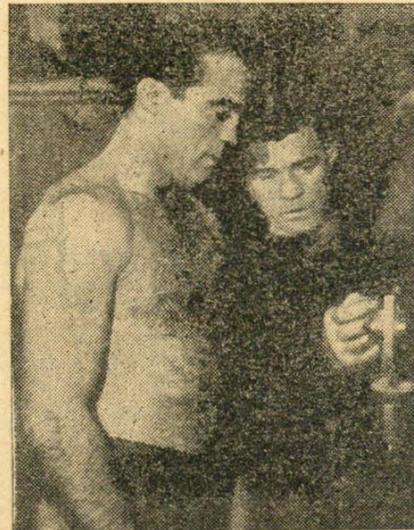
PARECE assente que a Inglaterra e a França concorrem ao campeonato mundial inter-nações, cujo troféu é a famosa saladeira conhecida pelo nome de Davis Cup.

Julga-se que tomem parte na prova umas doze nações e que a Austrália, detentora da taça desde 1939, continui a guardá-la em seu poder graças às excelentes raquetes representativas: Pails, Quist, Bromwich, etc.

### ...e a Wightman Cup

A Inglaterra aceitou o repto lançado pelos Estados Unidos para um desafio em que se discutisse a Taça Wightman. Como se sabe, este troféu é uma espécie de Taça Davis destinada a senhoras, constituindo o mais importante e consagrado campeonato feminino internacional.

Desde 1931 que a Taça pertence aos Estados Unidos, mas cabe, agora, à Inglaterra a obrigação de promover o match entre as duas nações.



Em Paris, Marcel Cerdan verifica o seu pêso antes do combate contra o negro Diouf, que foi vencido por K. O. ao 3.º assalto

Correia Dias, num esforço, quer ainda rematar. Já o Porto estava a ganhar por 2-0. Baptista, mais lesto, chega a tempo desta vez...



Manuel Anjos e Rendas discutem um grave problema...



Um mergulho de Correia, o guarda-rédes do Atlético. Pelo sim, pelo não, Baptista entrava a acção de Luz, enquanto que Espírito Santo julga o lance acabado



# PORTO venceu em SETUBAL

ataque realizador e defesa sólida

O habilidoso Nunes, interior de Setúbal, vai sofrer a entrada de Gullhar, que jogou muito bem. Nem sempre a habilidade domina a energia!



Baptista, num salto magnifico, devolve uma bola alta



# Na TAPADINHA 1a1

... sógo de grande emoção

Mário Rui, como que diz a Correia: «Se não te apressas...»



Os guarda-redes também defendem a pontapé. Nana ajuda-o, mas Nunes não tem as mesmas intenções.



Correia Dias domina todos os adversários, buscando por marcar a quarta bola!

## Resumo da 2.ª JORNADA

por TAVARES DA SILVA

A 2.ª jornada do Campeonato Nacional da Primeira Divisão forneceu os seguintes resultados:

Atlético 1	Benfica 1
Belenenses 7	Académica 0
Boavista 1	Sporting 0
Guimarães 2	Olhanense 2
Vitória 1	Porto 4
Oliveirense 0	Elvas 1

Deverá insistir-se na afirmação de que todos os encontros são difíceis, mesmo aqueles que se apresentam no papel desnivelador.

O que sucedeu ao Sporting no campo do Boavista constitui um aviso que os Grandes clubes devem tomar na devida conta. As forças estão regularmente distribuídas. Sabido como o ambiente próprio redobra o valor dos teams, tôdas as saídas dos grupos lisboetas oferecem as maiores dificuldades. O leão tombou, e que ao menos o seu pesado sacrifício aproveite a todos.

Os resultados nivelados indicam alguma coisa.

A derrota da Académica, com um grupo enfraquecido, tem atenuantes. Cada jornada, pelos vistos, apresenta um calvário.

E' de destacar o comportamento do Benfica na Tapadinha. Com 10 homens, aguentar todo o peso de um ataque que sabe atacar, representa qualquer coisa digna de registo. Em Braga, o Olhanense conseguiu vantagem de jôgo, mas não passou do empate. Vitória Guimarães confirma a boa forma. Elvas está de parabéns: digam o que disserem, ocupa a cabeça. Bela resposta. Finalmente, ressurgirá o Porto? Defesa sólida e penetração de ataque bateram os aguerridos setubalenses. A Tabela pouco importa, por enquanto. Há ainda vinte jornadas. Mas é significativo estarem à cabeça Elvas e Porto, com 4 pontos.

Seguem-se, em igualdade de circunstâncias, com um ponto de diferença, Belenenses, Olhanense e Atlético. Benfica e Boavista vêm a seguir, com 2 pontos. Logo Sporting e os 2 Vitórias. Fecham o cortejo Oliveirense e Académica.



Jaques como que vda para a bola. Quaresma também está com pressa!

# UMA TROCA DE IMPRESSÕES com os dirigentes DOS DOIS CLUBES POPULARES

## Fósforos e Marvilense afirmam a sua capacidade e expõem os seus futuros projectos

A II Divisão da A. F. L. mantém no futebol da capital uma actividade e entusiasmo que constituem um bellissimo valor para a propaganda e desenvolvimento do «association» — especialmente na parte da cidade, desde Chelas ao Poço do Bispo — onde imperam, com real merecimento, três agrupamentos de destacada valia e com tradições no futebol lisboeta: o Chelas, o Fósforos e o Marvilense. Qualquer dêles tem dado à bola uma contribuição de grande mérito e, quando um dia, finalmente, fôr possível reúní-los num só clube, Lisboa e o seu futebol passarão a contar com mais um grande clube.

A rivalidade clubista entre os três grupos tem animado sempre o seu campeonato.

Este ano, novamente, assim sucede. Marvilense e Fósforos, ao chegarem à penultima jornada do campeonato, disputaram entre si a possibilidade ao título; os marvilenses logo com carácter definitivo, o Fósforos com grande possibilidade, caso a vitória lhe sorrisse.

Estivemos nas sedes dos dois clubes na véspera do jôgo, apreciando o ambiente e anotando a sua actual vida associativa e desportiva. Como sempre, os dois contactos deixaram-nos bem impressionados. Vive-se o entusiasmo de um clubismo sincero, entre umas dezenas de sócios *fixíssimos* e uns directores que são ao máximo dedicados ao clube.

### Na sede do Marvilense

A bem localizada sede do Marvilense, mesmo no coração do populoso bairro, estava animada. As suas espaçosas salas repletas de associados e no gabinete da direcção todos os dirigentes. E' sempre assim, tôdas as noites, uma espécie de sessão permanente em que todos ficam de noite para noite com a palavra reservada para darem as suas opiniões e alvitarem os seus projectos — dizem-nos os srs. Marques Figueiredo e Carlos Graça Antunes, respectivamente presidente e vice-presidente do clube, que falam com o representante da *Stadium*.

— Como caminha o Marvilense?

— Esplendidamente. Somos os primeiros na nossa divisão em actividade. Além da situação financeira ser boa (nestes clubes isto representa que não têm dívidas), mantemos cerca de 200 atletas em movimento, nas mo-

dalidades de futebol, andebol, basquetebol, volei e atletismo.

Desportivamente, no futebol a nossa posição está á vista. Nós, que fomos os últimos no ano passado, somos os primeiros este ano, por enquanto. Não por acaso, mas com trabalho, persistência, uma enorme vontade, servindo uma idéia que assenta nesta base: boa união, entusiasmo e respeito mútuo.

— Este ambiente de renovação que se nota?...

— Parece estranho, de facto, mas o Marvilense com isto prova que é uma força neste grande bairro, justificando que neste clube não se esperam os momentos felizes do desporto para progredir. Temos trabalhado com afinco, para realizar uma obra, e ela surgirá.

— Há projectos?

— Especialmente os melhoramentos no nosso campo atlético, visto que contamos com o auxílio da Federação de Futebol. Será melhorado o terreno de jôgo, pois ocuparemos mais uns metros de terreno. Mudaremos o campo de basquetebol, faremos o de volei e construiremos bancadas. A sede receberá novas beneficiações e manteremos um pôsto médico. Isto a par do nosso desejo de ampliarmos a nossa actividade no desporto, recreio e cultura.

— Todos êsses projectos irão por diante, mesmo que não sejam campeões?

— Sem dúvida. Um caso não enjeita o outro. Mas a vitória vai sorrir-nos. Estamos de posse de um grupo jovem e capaz, bem orientado por Rodolfo Faroleiro.

Um desabafo, a propósito.

— Só é pena que o comércio nos não ajude como merecíamos. Se assim fôsse, quanto mais não faríamos!

Quási sem querer tocamos num pormenor que há tanto anda no ar...

— Se fôsse possível a fusão?!

— Possível é, mas orientada no bom sentido, sem partidanismos especiais. Somos apologistas da fusão, mas unindo os três clubes.

A pergunta do momento.

— Se ficarem campeões, que lhes parece o jôgo de passagem com o Estoril?

— Disputaremos os jogos de passagem como deve ser e na idéia de os ganharmos. Da outra vez não convinha ao clube a possibilidade de subir à I Divisão, sem recursos para arranjo de instalações. Tal não se verifica agora. Se vencermos, o Estoril terá que contar connosco...

Eis o que trouxemos desta rápida troca de impressões com os dirigentes do Marvilense.

### Com o Fósforos

O popular Fósforos tem características especiais. Elemento valioso, o clube tem sido um admirável propagandista do futebol. Tem vida desafogada e, mercê dessas circunstâncias, pode manter um nível de vida e de actividade que em muito ajudam a sua bela presença no jôgo da bola.

Para falar um pouco que seja do Grupo Desportivo «Os Fósforos» é necessário ouvir Mário Marques, o tipo perfeito do animador entusiástico, vivendo a vida do seu clube desde manhã à noite, e depois, ainda, em sonhos, projectos e futuras actividades.

Ele nos diz, logo que nos avista:

— Quando o próximo número da «Stadium» sair, já a questão do campeonato estará resolvida. Mas sempre lhe direi, na véspera do grande jôgo, que confiamos na vitória.

«Estamos calmos e sentimos que temos pelo nosso lado uma maior experiência de jogos difíceis. Sobretudo, o Fósforos, nestes encontros decisivos, é sempre o Fósforos... Mas não deixo de lhe dizer que me tem surpreendido a forma como o Marvilense tem actuado esta época. Esperava boa reacção de todos, mas não do Marvilense, que aparece como um obstáculo difícil de transpor. Apresentaram um *team* jovem, com energia a rodos, bem orientados por Rodolfo Faroleiro e por uma direcção que tem sabido desenvolver actividade digna de elogio. Sou rival acérrimo dos marvilenses, mas sou desportista. De aí a razão destas minhas palavras.

— O Fósforos?

— Vai bem. Situação financeira muito boa. A orientação interna do clube é a melhor desta divisão. Todos os cuidados médicos e ginásticos, uma observação atenta sobre cada jogador. Tênicamente, estamos bem, com muita união e disciplina.

— Associativamente?...

— Somos superiores. 1027 sócios, bom ambiente de apoio e interesse, entusiasmando-nos para novos projectos, como a construção de um «rink» de patinagem.

«O que de facto o Fósforos necessita é de «refrescar» o seu *team* de honra. E temos elemen-

tos em magníficas condições para o fazer. Dispomos de um lote de gente nova que deve impressionar muito bem. Mas a *refrescada* só virá depois deste campeonato. No Nacional e na taça «Sá e Oliveira» o Fósforos vai apresentar jogadores novos. Especialmente a sua futura linha avançada marcará posição de relêvo. Ferreira da Silva, Leitão, Roçado, Frederico e Bettencourt são os seus componentes.

«O Fósforos abandona este ano a competição em júniores mercê das dificuldades criadas com os novos elementos pela inspecção, que só se verificaria já depois do campeonato iniciado. Como os nossos júniores do ano passado sobem este ano de categoria, ficamos praticamente sem possibilidade de competirmos neste campeonato,

— Que opinião tem deste campeonato?

— Boa. Tem sido muito animado e compensador, o que aliás sucede quando os três clubes desta banda da cidade estão em posição equilibrada. Verifica-se então que o campeonato é de bom movimento financeiro.

— Mas perderam com o Futebol Benfica e com o Operário!

— Unicamente por excesso de confiança.

— Se ganharem o campeonato, que opinião tem do jôgo de passagem?

— Folgamos que esse jôgo seja com o Estoril e esperamos fazer os três jogos...

— Confirma-se a vinda do Victor Silva para treinador do Fósforos?

— Isso foi boato. Nada se tratou.

— Mas procuram um treinador?

— Para a próxima época. E se tal nos fôsse permitido, escolheríamos Augusto Silva.

— Uma pergunta indiscreta: Quando pensam os três clubes na fusão?

— Quando se pensar a sério nesse assunto. Não falta ambiente, matéria prima e gente para ajudar. A fusão daria a Lisboa e ao futebol nacional um grande clube!

Eis o que ouvimos na véspera do jôgo Marvilense-Fósforos, nas sedes dos dois populares e simpáticos clubes.

Neste momento — resultado à vista — já o leitor poderá interpretar melhor este feixe de impressões...

### Condições de assinatura

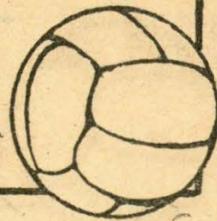
a começar em Janeiro de 1946

Custo por número..	2\$00
3 meses, Esc. . . .	26\$00
6 » » . . .	52\$00
12 » » . . .	104\$00

Devido às festividades do Natal, o nosso próximo número sai no dia 27, quinta-feira.



# NO MUNDO DA BOLA



PELO "Jornalista DESCONHECIDO"

CONTA-GOTAS

QUANTIDADE? QUALIDADE?

CORRE QUE...

A transformação da pena de irradiação aplicada a Carlos Pereira em suspensão por dois anos foi um acto de clemência que caiu muito bem na opinião desportiva.

Bem sabemos que tal representa, na mesma, o fim de uma brilhante carreira de jogador. Dota-nos, na entanto, que tal carreira tivesse um fim tão negro. Ora a vida futebolística do grande Carlos Pereira teve um fulgor que tão cedo não se apagará!

Apesar de não se realizar em Janeiro, como estava projectado, o Portugal-Suíça, continua a falar-se da Selecção Nacional. Qual será? Neste e naquele posto?

A verdade é só uma: o seleccionador está em regime de observação. O lote está escolhido, faltando apenas escolher de entre os escolhidos!

Os espanhóis, pela primeira vez, treinam a sério, ou, pelo menos, demonstram essa intenção, o seu grupo representativo, que, provavelmente, terá de medir forças contra Portugal e a Suíça. Passarin já iniciou os trabalhos de preparação. Perdida a oportunidade de vencer, na época passada, resta-nos a de vencer este ano...

## Há resposta para tudo...

P. 248 — Não acha que seria possível o team do Belenenses ser seleccionado para bater a Espanha? (De José Pereira Simeão, de Pedrouços).

R. 248 — A sua pergunta deveindir-se em duas partes: 1.ª selecção do Belenenses; 2.ª bater a Espanha. A primeira parte era possível. A segunda seria impossível!

P. 249 — Pode dizer-me se sabe se no Japão se pratica futebol? (Um curioso de Santarém).

R. 249 — Antes da Guerra, praticava-se futebol no Japão: campeonatos regulares e clubes importantes. No campo internacional, o Japão mantinha relações regulares com países vizinhos.

P. 250 — Por que motivo, sendo o Luso de Beja o campeão do Alentejo, não foi este representar o Alentejo no Campeonato (Continua na última coluna)

## A Segunda Divisão

tem de ser uma prova viva e palpitante, e não um corpo moribundo

○ campeonato distrital de futebol no que respeita à Segunda Divisão acabou em Lisboa, no domingo. As Associações Distritais, levadas à organização do campeonato de juniores, e ainda de outros torneios de secundária importância, mantêm uma actividade restrita e limitada. É a Federação que está, agora, em foco. O Campeonato Nacional da Primeira Divisão já está a desenvolver-se com o brilho que todos sabemos e interesse sobejamente manifestado, e a Segunda Divisão do Campeonato Nacional deverá começar dentro em breve. Precisamente aqui é que está a questão. A Segunda Divisão do Nacional disputar-se-á nos moldes propostos originalmente pela Federação, isto é, movimentando uma grande quantidade de clubes espalhados pelo país? Ou pôr-se-á em realização o Plano apresentado por um determinado lote de clubes, integrando na prova somente dez grupos, embora importantes?

Na fórmula federativa, as séries provinciais, em número de 16, e com um máximo de seis clubes cada, eram divididas em quatro grupos. Os vencedores das séries disputariam em seguida, pelo sistema a eliminar, o título de campeão da Segunda Divisão, com o prazer de entrada automática na Primeira Divisão e ainda de discussão de outro lugar.

Tratava-se, no pensamento federativo, de uma competição nitidamente de quantidade, no objectivo de fomentar o jogo e de dar aos grupos possibilidade de se revelarem. No momento em que escrevemos, a constituição das séries, já estudadas e por certo constituídas, não foram ainda tornadas públicas. Mas deverá ter-se atendido à importância e localização dos clubes, agrupando-os mais em função do interesse futebolístico do que atendendo à divisão do país no ponto de vista de administração pública.

Por outro lado, tal qual se encontra planeada, conforme sugestão apresentada na Federação Portuguesa, a Segunda Divisão transformar-se-ia num campeonato sob a base da qualidade, com a participação de dez teams, uma espécie de Primeira Divisão B.

Em princípio, disputariam a Segunda Divisão os seguintes clubes: C. U. F. e Estoril, de Lisboa; Leixões, do Porto; Barcelonense, de Setúbal; União, de Coimbra; Sporting Farense, de Faro; Sporting, de Braga; Santolense, de Avelro; Sporting da Covilhã, de Castelo Branco; e Luso, de Beja.

Poderia argumentar-se, ao juntar estes dez clubes, que ficaram de fora alguns grupos com capacidade suficiente para estarem dentro do torneio, mas a verdade é que tal aconteceria sempre ao erguer-se uma prova da natureza daquela que se pretende pôr a funcionar. Todos sabemos o que se passou à volta do preenchimento dos dois fauteuils acrescentados à Primeira Divisão.

Na verdade, parece-nos que a lista dos clubes está elaborada de maneira a dar uma competição muito curiosa. A tentativa tem seu quê de parecença com a laboração espanhola. Mais. É cópia fiel do que por lá se passa. Mas isso não interessa ao caso. É justo que se traga lá de fora o que é bom, e se deixe por lá o que não tem condições de adaptação entre nós.

A questão encontra-se devidamente posta. Ou Segunda Divisão, no critério da quantidade, já na tradição do futebol português? Ou Segunda Divisão, no critério da qualidade, em inovação progressiva e mais em conformidade com os interesses de determinados clubes?

Os requerentes dizem ser seu pensamento não prejudicar a Primeira Divisão, para o que se procederia a um Sorteio devidamente planeado. Para regulamentação da Prova, apresentam a própria regulamentação da Primeira Divisão.

Julgamos que a dificuldade maior deverá consistir na conciliação dos interesses em causa. Enfim, recebidos na Federação, os representantes dos referidos grupos passaram a sua pretensão a escrito e o documento foi distribuído pelas Associações Distritais para resolução definitiva, conforme o parecer mais geral.

Sentimos, pela nossa parte, que a questão foi levantada um pouco tardiamente e que a sua resolução não é fácil. Exactamente pelos dados com que se joga. Parece-nos que qualquer dos critérios adoptados tem sempre defeso, e cada um comporta vantagens e inconvenientes. Mas não há dúvida que o problema proposto é de aquêles que podem mudar o rumo de uma competição, mais tarde ou mais cedo. A Segunda Divisão tem de ser uma prova viva e palpitante, com condições de existência autónoma, e não um corpo moribundo.

A primeira jornada do Campeonato Nacional decorreu sem castigos a jogadores.

O campeonato de juniores de Lisboa vai ter muitos concorrentes. Começará a 6 de Janeiro. Nas outras Associações também o interesse pela prova parece grande.

Vindos dos Açores estão no Sporting dois novos jogadores: um guarda-rêdes e um avançado.

José Simões, do Benfica, que dirigia a secção de futebol, apresentou o seu pedido de demissão.

Isaac Squerra procurará, em Londres, trazer a Lisboa um team inglês, ou levar a Londres o Sporting.

Qualquer dia sucederá um caso de grande surpresa: a nomeação de um dirigente ultimamente muito em foco para um lugar de relêvo na bola.

Há o pedido de uma assembleia geral extraordinária na Associação de Setúbal.

O Congresso da Federação Portuguesa de Futebol realizar-se-á na época normal. Tudo acabará em bem.

O Conselho Técnico da Federação, com uma vaga, vai ser completado.

## Há resposta para tudo...

(Continuação da primeira coluna)

Nacional em vez do S. L. Elvas, que por ele foi derrotado na época de 1944-45? (De dois «Belenenses»).

R. 250 — Eis uma questão algo agitada. Mas o facto está consumado. Paz à sua alma. De resto, não conhecemos a existência oficial do título de campeão do Alentejo.

P. 251 — Não serão Gomes da Costa e Catolino, do Porto, a melhor asa esquerda portuguesa? (De «Um tripeiro»).

R. 251 — Pode constituir-se uma asa melhor. Mesmo porque Gomes da Costa já não joga...

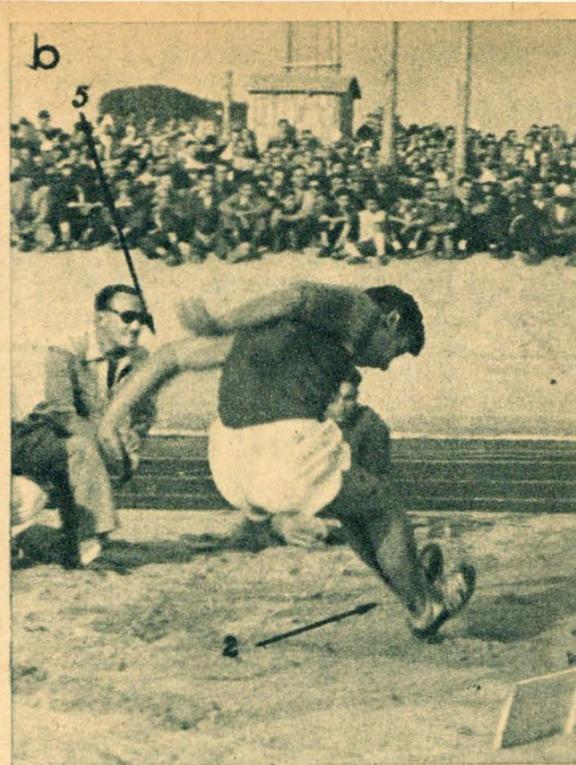
Atenção: Já de outras vezes respondemos a perguntas que nos fazem os srs. Joaquim Amândio Costa e João de Deus Pereira. Só daremos satisfação a uma pergunta de cada vez.

# Corrija o seu ESTILO



A fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes

**NOTA:**— Com a série de hoje encerra-se o terceiro ciclo desta secção. O atletismo entrou em período de descanso, que se não destina a corrigir estilos. O inverno aproveita-se para culdar da preparação física dos atletas e quando recomeçar a actividade nas pistas, então reaparecemos também com estes nossos comentários.



Estudo da queda no salto em comprimento, aproveitando imagens de Ernesto Pons, na prova do Portugal-Espanha.

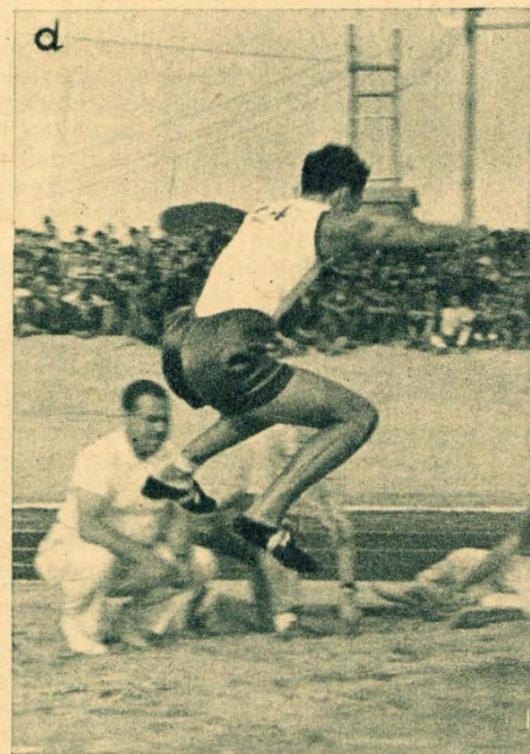
A parte final do salto em comprimento, correspondente à queda, é de grande importância no rendimento da tentativa pois importa levar o primeiro contacto dos pés com a areia da caixa o mais adiante possível e, ainda, impedir que, por desequilíbrio ou falta de força viva, o corpo do saltador toque no solo atrás do ponto inicial do contacto dos pés

A preparação da queda começa logo depois de atingido o vértice da trajectória e consiste na deslocação para a frente do centro de gravidade e na extensão das pernas para que o contacto do calcanhar vá o mais longe possível.



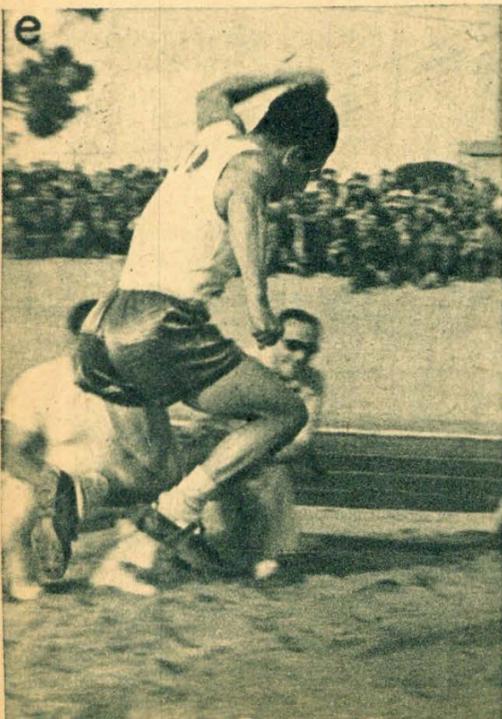
que seja o esforço do saltador, o centro de gravidade estará sempre atrás do ponto de contacto dos pés e a escassa velocidade de translação, quasi em ponto morto quando os pés chegam ao solo, pode não ser bastante para arrostar o saltador para a frente; se assim sucedesse, a queda para trás do ponto de chegada dos pés representaria importante perda de distância no salto.

Por isso a queda não deve ser na última fase em acto passivo e o saltador garantir-se-á contra possíveis eventualidades deixando flectir os joelhos (6) logo a seguir ao contacto dos pés e atirando com os braços (7) para diante no propósito de trazerem o corpo atrás de si.



Para justificar a necessidade desta lição, comparem-se as posições de alguns dos melhores saltadores portugueses, todos de joelhos flectidos e pés recuados: Luiz Alcide em D, João Vieira em E e Homero Reis em F.

**SALAZAR CARREIRA**



Durante esta fase final do salto, o corpo (1) flectiu em ângulo agudo pela cintura, as pernas (2) completamente estendidas pelos joelhos e puxadas adiante, o tronco (1) dobrado sobre elas e os braços (4) descaídos (5) à medida que o saltador se aproxima do solo, para melhor exercerem a sua última intervenção.

Na realidade, por maior

## A ILUMINANTE

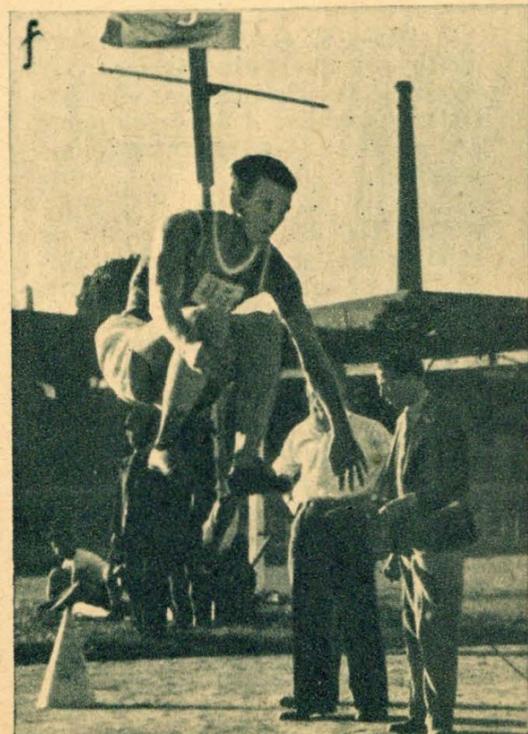
MATERIAL ELÉCTRICO  
PARA TODAS AS  
APLICAÇÕES

A CASA QUE OFERECE  
MELHORES PREÇOS E SERVE COM A  
MELHOR RAPIDEZ

Avenida Almirante Reis, 6  
Largo do Intendente, 11 a 17

TELEFONES: } 46186  
46187  
51149

LISBOA





«O «team» de juniores do C. Barcelinhos, que conquistou o campeonato de Barcelos em 1943/44

## OUTRO ESTÁDIO MUNICIPAL o de Beja

Erguem-se novos Estádios. Nas mais escondidas vilas, como nos ecêntros mais importantes. Agora se fala na construção do Estádio Municipal de Beja, obra que importará em 1.200 contos.

A Câmara Municipal da primeira cidade do Baixo-Alentejo, integrada nas suas obrigações encarregou já um empreiteiro de dar princípio às obras, tendo-se assinado oportunamente a respectiva escritura. Foi orçamentada a verba de 1.241.700\$00, e pensa-se que tudo ficará arrumado ainda esta época. No próximo ano, portanto, já os bejenses podem assistir a provas de vulto no seu Estádio Municipal.

Merecem louvores quantos contribuíram para dar corpo a tão excelente iniciativa. E só teremos de lamentar que nem todos os municípios possam seguir o exemplo da Câmara Municipal de Beja.

Nesta velha cidade alentejana é grande o entusiasmo. Justificado. O antigo campo Condessa de Aviz, que tinha o pomposo nome de «Estádio», não correspondia às necessidades de uma população que se interessa pela vida ao ar livre e, por isso, é de avaliar a satisfação dos bejenses.

Vê-se que caminhamos para melhor. A instalação de campos de jogos está reconhecida pelas entidades oficiais, e oxalá que todos os centros procurem imitar a Câmara Municipal de Beja.



Zeca e Castro, os dois magníficos defesas do S. C. Paranhos da Beira



Carvalho, Edgar e Mendes, trio defensivo F. C. Aguias de Macedo de Cavaleiros



A equipa do Sporting Clube de Lamego, assim formada: Maurício, Pereirinha, Roseira, Paulinha e Canhòto, de joelhos; Pineu, Chaves, Boludas, Toneco, Aires e Piçarra, de pé



O 1.º grupo do Clube de Futebol «Os Bonjardinenses», do Porto, filial do Bejenses, De pé: Julinho, Cortez, Evaristo, Mário, Abílio, João e Teixeira. De joelhos: Américo, Silvino, Viana, Tavares e Soeiro



Abílio Pereira dos Bonjardinenses e Alcino Silva, secretário do Atlético Olivais



# Boa Crítica

**A** actuação do F. C. do Pôrto, contra o Vitória de Guimarães, brioso campeão do Minho, não foi festejada pela Imprensa da capital do Norte. Embora o acôrdo sôbre o trabalho do F. C. do Pôrto não fôsse grande, o certo é que, mais ou menos daramente, os jogadores do velho campeão não receberam aplausos, naturais incitamentos e palavras amigas neste princípio do torneio.

Claro que a Imprensa, na sua missão, tem de julgar com absoluta imparcialidade. Mas criteriosamente, com todo o cuidado. E não mereceria êsse cuidado aquêle grupo que tão bem nos representa nas épocas passadas?

Sem grande esforço, pode a boa Imprensa ajudar bastante a recuperação do clube ou clubes que representam a cidade do Pôrto na prova máxima do futebol português. Há, por certo, muita coisa mal feita na constituição dos grupos. A eliminação de erros, no entanto, pode bem fazer-se por palavras que não perturbem a boa ordem do conjunto, o esforço dos dirigentes, o cérebro dos treinadores.

A missão de todos os elementos que orientam as equipas de futebol é difícil e muitas vezes mal compreendida. Se a boa crítica não ajuda — tudo se perderá inglôriamente.

Há anos, se bem nos lembra, escreveu determinado crítico de primeiro plano que «o F. C. do Pôrto ganhara o campeonato por ter boa equipa... e boa Imprensa» Sabemos todos que foi assim. A crítica foi então construtiva, séria, sabedora. Lia-se sempre de sorriso nos lábios, apontavam-se defeitos sem demolir, — e raras vezes se deixava o «team» amarrado a opiniões banais, a referências que produzem estragos e mau ambiente.

Passam às vezes, pelas nossas equipas, rapazes que poderiam ganhar-se até junto dos melhores. Todavia, se não os rodearmos de palavras de incitamento, auxiliando-os na sua função — lá se perdem. Não será assim, por exemplo, com o jogador Romão? Muitos rapazes não resistem ao apontamento dos jornalistas. E alguns, Santo Deus, estarão senhores dos seus direitos e obrigações?

Não se escreve para criticar êste ou aquêle. Pretende-se apenas encaminhar as coisas de modo que a função dos jogadores não seja ainda mais espinhosa e ingrata. Bem basta, às vezes, a sua «inferioridade natural».

# MOSAICOS NORTENHOS...

○ BOAVISTA não foi nada feliz na sua viagem a Elvas. Esperávamos muito mais, sinceramente, da sua equipa, mesmo sem desmerecer no valor dos rapazes do distrito de Portalegre.

Andamos há tanto tempo a desejar um bom companheiro para o F. C. do Pôrto... Esta época, ao contrário do que pensavam os desportistas portuenses, não parecem muito seguras as aspirações do 1.º e do 2.º da capital do Norte. E não se deve esquecer que os dois últimos baixam automaticamente...

◆ CONTRA GUIMARÃES, nem nem tudo foi tão mau como se disse. O F. C. do Pôrto, batido a certa altura por 2-0, teve de reagir fortemente, com muita decisão. Ora, isso não será fácil para qualquer adversário dos vimeiranos. Perder, ainda por cima, duas grandes penalidades, também merece ser considerado.

A verdade destas palavras aparecerá mais ao de cima no decorrer do presente campeonato. Talvez outros grupos venham a experimentar as mesmas dificuldades do F. C. do Pôrto...

◆ ARTUR DE SOUSA, o grande veterano do F. C. do Pôrto, foi operado pelo dr. Fernando Prata de Lima, outro desportista que brilhou nas nossas pistas como admirável campeão de atletismo. Bom cuidado e excelente competência profissional revelou o ilustre operador, quando teve de empregar o bisturi que eliminou o mal de uma perna que marcou «goals» impressionantes e deliciou assistências pelo país fora.

○ famoso internacional, bem disposto, ainda quer voltar aos campos de futebol. É um exemplo, há muitos anos uma dedicação do F. C. do Pôrto — um exemplo e uma dedicação que o público reconhecerá na devida oportunidade.

◆ O ASSUNTO de todos os dias continua a ser o caso «campo do F. C. do Pôrto». Os desportistas da capital do Norte procuram uma razão que justifique o desinteresse ou o egoísmo de um ou dois sectores, mas não a encontram. Mal se adivinha, entretanto, que boa propaganda se estabeleceria se o principal clube da cidade fôsse ajudado como é de toda a justiça!

Enquanto tudo isto fica por solucionar, sucedem-se os incidentes. Naturais? Por certo. Mas evitáveis se todos quisessem reconhecer a importância de uma iniciativa de tamanho vulto e valor para a vida da cidade.

◆ FALA-SE na saída de Gomes da Costa do Pôrto para Lisboa. Definitivamente. Os desportistas portuenses simpatizam muito com o excelente avançado nortenho, e por isso lamentam, a tornar-se definitiva, esta transferência que os grandes jornais indicam como certa.

Gomes da Costa, segundo afirmam, não poderá continuar na Faculdade de Medicina do Pôrto a sua vida de estudante universitário. Mas — mesmo vivendo em Lisboa, ou Coimbra — é isso motivo para abandonar um clube onde o estimam bastante? Já não era o primeiro exemplo...

Isto, claro, se quiser ou puder jogar futebol...

# Stadium

Na Capital do Norte

## UMA CIDADE DESPORTIVA

○ Pôrto é uma cidade consideravelmente desportiva. Domingo a domingo, disputam-se campeonatos regionais de basquetebol, de hóquei em campo, de andebol e de futebol. Todas as modalidades. O atletismo, o volei, a natação, o hóquei patinado e o ciclismo.

Uma leve «corrida» pelas modalidades actualmente em movimento. Principiaremos pelo basquetebol.

A cabeça do campeonato está agora o F. C. do Pôrto, mercê da sua magnífica vitória sôbre o titular de 1945-46: — S. C. Vasco da Gama. É muito natural, entretanto, que surja qualquer reviravolta. O Vasco da Gama possui boa equipa, e os seus jogos decisivos costumam ser valorosos.

Mas não pode perder-se de vista a boa equipa que o F. C. do Pôrto possui no actual momento. A entrada de Camilo e o aparecimento de novos com muito valor podem ter-lhe assegurado, também, uma posição de relêvo. Académico e Gaifões, por outro lado, também se mostram capazes de provocar surpresas...

— No andebol, o Estrêla e Vigorosa ganhou já um lugar de honra. Derrotou por duas vezes, e copiosamente na 1.ª volta, o conjunto do campeão nacional — agora muito á distancia do seu valor de outras épocas. O campeonato ainda não principiou, porém...

Os homens do F. C. do Pôrto, dirigidos presentemente por Abel Araújo, o homem que os conduzia á vitória, ainda podem reagir. Apareceram elementos novos, recrutados nas categorias inferiores — mas falta-lhes personalidade. É uma questão de tempo e de se habituarem a resultados maus...

— O hóquei em campo portuense está valorizado pelo grande número de clubes que concorrem ao campeonato: — F. C. do Pôrto, campeão, Boavista F. C., Leixões, Ramaldense, Académico, Académica de Espinho, Vilanovense e Vigorosa. Já se efectuaram vários jogos do campeonato regional, e de novo pode afirmar-se que o Pôrto, Ramaldense e Boavista, pelas suas exhibições, podem aspirar aos lugares de honra.

— O voleibol, por agora, está em descanso. O F. C. do Pôrto (êste clube aparece-nos sempre na primeira fila) é o campeão regional em todas as categorias. Ganhou há pouco a «taça José Donas». Prepararam-se já para o próximo campeonato, a que devem concorrer o Académico, Académica de Espinho e o S. Roque da Lama.

## UM ATLETA

### portuense



**SERAFIM** é o seu nome principal. É «único» para os desportistas que o aplaudem entusiasticamente, nos campos de basquete e de futebol. Ésie Serafim, jogando no grupo de honra do Boavista F. C., a avançado ou a médio centro, quando preciso, é sem dúvida uma das melhores esperanças do velho clube do Bessa.

Joga há poucos anos, por ser jovem. Nas duas últimas épocas, porém, veio a impor-se como utilidade, e a tal ponto que o cobijaram clubes de primeiro plano. Em Lisboa... no Pôrto...

Mas o popular Serafim começou a sua carreira ou a sua celebridade, como jogador de basquetebol. No Sporting Clube de Vasco da Gama, onde é das principais figuras, campeão do Norte e campeão Nacional, Serafim é um habilidoso que o popular clube do Bairro Herculano tem aproveitado convenientemente.

É muito pode esperar-se ainda de Serafim. No futebol, como no basquetebol, no Boavista, como no Vasco da Gama, tem o seu público, admirador incondicional das suas admiráveis faculdades de atleta.

## ATLETISMO PORTUENSE

Os clubes portuenses já se preparam para a próxima época. F. C. do Pôrto, Académico, Sport, Operário, Vilanovense, Vigorosa, — e grupos de Braga e de Amarante, passam em revista os seus valores, e sabemos que preparam muitos novos que denunciam possibilidades.

Também há desistências. E atletas que mudaram de ares ou de clube. Mas, de qualquer maneira, a cidade capital do Norte não deixará de contribuir para a expansão do atletismo nacional. Com maior ou menor dificuldade — levará aos campos muita gente amiga do atletismo.

# As conclusões mais importantes

## da época de atletismo de 1945

**E**NCERRANDO a série das crónicas em que temos analisado pormenorizadamente, semana a semana, os diversos aspectos e os resultados práticos da temporada de atletismo de 1945, procuraremos tirar hoje as conclusões mais importantes e que importa focar para efeitos de procedimento futuro.

A primeira e mais consoladora verdade a proclamar é o incontestável progresso geral da modalidade, acompanhado por esse elemento decisivo e insubstituível que é o apoio do público.

As causas, necessárias de conhecer para ajuizar das responsabilidades dos resultados, não podem deixar de ter sido duas: melhor critério de preparação dos atletas, mais perfeito empenho organizador dos dirigentes. O primeiro assegurou o progresso das marcas e o interesse da competição; o segundo valorizou a propaganda e atraiu a assistência aos torneios.

Qualquer destas circunstâncias acarreta deveres e direitos. Vamos estudá-los.

### Deveres:

A conquista de posição de realce obriga ao cuidado particular de a manter e ao esforço persistente para ir mais além. Em tal caso, pela lei da ética desportiva, parar equivale a recuar, porque em torno os elementos comparativos evoluem implacavelmente.

As responsabilidades dos êxitos obtidos este ano pelos atletas portugueses obrigam-nos a trabalhar com insistência para melhorarmos mais ainda a sua forma, na eventual probabilidade de serem chamados a prestar importantes provas.

O encargo de aperfeiçoamento dos praticantes e de recrutamento de novos elementos partilha-se entre todos os organismos da hierarquia respectiva.

A Federação orientará superiormente, elaborando com a maior urgência a lista dos atletas susceptíveis de selecção para quaisquer representações nacionais, traçando-lhes o plano de preparação progressiva e fiscalizando como êle fôr pôsto em prática pelas individualidades competentes.

Não somos partidários da nomeação de um seleccionador nacional a quem se confiasse o treino de todos os futuros internacionais possíveis e prováveis; parece-nos preferível continuar com êsses homens entregues aos seus treinadores habituais—porque, em boa justiça, foram êles que os levaram à classe afirmada—mas encarregando alguém com prestígio reconhecido de superiormente vigiar o trabalho de cada um, apontar deficiências a corrigir, no melhor espírito de colaboração e com vantagens recíprocas, porque, se, por seu intermédio, o organismo dirigente recolhe a segurança do perfeito cumprimento das normas estabelecidas, também os atletas e treinadores

encontram assim o meio de fazer chegar acima as suas necessidades para o completo desempenho da missão em que actuam.

O ano de 1946 traz-nos, pelo menos, duas competições internacionais de pesadas responsabilidades: o Espanha-Portugal e os campeonatos da Europa.

O encontro com os nossos amigos e vizinhos implica a defesa de uma posição brilhantemente alcançada, mas na qual vamos sofrer rude assalto; para a conservarmos não basta repetir a proeza do Estádio do Lumiar, precisamos de mais e melhor, ambos ao alcance das nossas probabilidades. É uma questão de vontade e espírito de sacrifício dos atletas.

Sobre os campeonatos da Europa, temos opinião diferente da que tem vindo a lume na imprensa; a nossa presença é indispensável, mas regulada com sobriedade pela realidade dos nossos recursos. Devem ir até à Noruega os homens com um mínimo de possibilidades reais no confronto internacional, porque os organismos desportivos competentes não dispõem de fundos orçamentais que lhes permitam a organização de caravanas.

Consideramos, de momento, um homem indiscutível: Matos Fernandes no decatlo, e dois mais com grandes probabilidades se confirmar um, Luís Alcide no triplo, alcançar o outro, Sampaio Peixoto nos 200 metros, a classe de que deram certificados nos torneios de 1945.

Existe, é facto, mais um grupo de homens que podem, se progredirem aquilo que prometeram, alcançar o direito de selecção: João Silva, Francisco Bastos, Manuel da Silva, Álvaro Dias, João Vieira, Edgar Tamegão, mas êstes não passam por enquanto de hipóteses apenas a considerar.

### Direitos

O entusiasmo, a dedicação desportiva, o valor de que deram larga mostra asseguram aos atletas portugueses o direito de contarem com a ajuda e o interesse dos organismos superiores.

Sabemos todos que, felizmente, nem uma nem outro faltarão.

A reforma dos regulamentos, já começada com algumas disposições mais urgentes na época passada, vai prosseguir até conclusão: o regulamento técnico ficará devidamente actualizado; a fusão das categorias de estreantes e principiantes alivia os calendários oficiais de um torneio inútil, deixando data livre para melhor aproveitamento; o problema da limitação de actividade (uma das causas da melhoria verificada nos resultados individuais) precisa de ser afeiçoado às lições dos factos; a pontuação colectiva, com a qual discordamos em campeonatos, mas que os dirigentes consideram indispensável para atractivo do público, também requiere alterações, das quais a mais conveniente nos parece ser o estabelecimento de marcas mínimas

## ANDEBOL

# PRINCIPIA NO DOMINGO

## o XV Campeonato de Lisboa

**C**OM cinco encontros espalhados por campos diversos começa a sua carreira de cinco meses do 5.º campeonato de Lisboa de andebol, que mais uma vez — e muito acertadamente, diga-se de passagem — vai ser disputado em condições diversas das regulamentares.

O número de oito clubes fixado para a composição da 1.ª Divisão prova ser exagerado para a realidade do total de praticantes e, em consequência, formula sempre o problema de uma 2.ª Divisão impossível, porque para ela restariam apenas dois ou três clubes. Só em 1935 e 1936 houve em Lisboa duas divisões completas.

Na reunião preparatória dos delegados com os dirigentes da Associação resolveu-se novamente formar uma série única com os dez clubes inscritos, e propor à próxima Assembléa Geral a alteração do número de componentes da 1.ª Divisão de oito para seis, que seriam para a época seguinte os melhores classificados do campeonato que vai principiar.

A medida é merecedora de aplauso, pois conjuga a disposição regulamentar com a realidade de recursos e, encurtando a duração da prova oficial, traz ainda a vantagem de permitir a organização de torneios e competições diversas, sem embaraço para o calendário.

Os dez concorrentes ao campeonato de 1946 são, pela ordem que lhes coube no sorteio: Almada, Benfica, Atlético, Desportivo «Caf», Internacional, Marvilense, União Piedense, «Os Treze», Sporting e Belenenses.

Dos clubes que praticaram na passada época desapareceram o Boa Hora, o Cascalheiras e o Estoril Praia, êste representando perda sensível para a modalidade, pois possuía grupo de boa classe e que animou sempre as competições em que participou.

Ao começar êste 15.º campeonato lisboeta, pareceu-nos interessante apresentar alguns ele-

mentos de estatística sobre a vida do andebol na capital.

para que os atletas possam contar na pontuação, evitando assim intervenções ridículas quando o escasso número de concorrentes assegura a qualquer a certeza de pontuar.

O público, que prestou à modalidade uma assistência regular e compensadora, tem o direito de esperar que lhe sejam oferecidas competições sérias, onde cada participante faça apenas o que sabe fazer.

Aprontemo-nos todos para prestar ao atletismo a parcela de colaboração que a cada um compete, e a confiança justifica-se.

O desporto número um ocupará também lugar entre os primeiros de Portugal.

Selazar Correia

mentos de estatística sobre a vida do andebol na capital.

O primeiro campeonato foi organizado em 1932, com treze clubes inscritos, dos quais apenas perdaram três: Sporting, «Os Treze» e Benfica.

No entanto, só os dois primeiros mantiveram actividade durante os catorze anos de campeonato, visto o Benfica ter interrompido a sua participação durante três épocas.

Em 1936 concorreram ao torneio 16 clubes, número máximo verificado, e em 1941 e 1943 apenas seis, que é o extremo inverso.

Os clubes com maior número de presenças, depois dos dois totalistas já citados, são o Belenenses, com 13; Benfica e Marvilense, com 11; Ginásio, com 8; Internacional, «Caf» (sobre as suas duas designações) e Atlético (contando-lhe as do antepassado Carcavelinhos) com 7.

O número total de agremiações desportivas que em anos sucessivos têm praticado o andebol é de 34.

A lista dos campeões regionais, ou, melhor, a distribuição dos títulos de campeão de Lisboa é a seguinte: Sporting Clube de Portugal, 1932, 1934-35-36, 1938-39-40, 1942 e 1945; Académico Sport Clube, 1933; Grupo Desportivo «Os Treze», 1937; Clube de Futebol «Os Belenenses», 1941; Unidos Futebol Clube, 1944.

Os «leões» talharam assim para si larga parte de leão e o seu clube é, sem dúvida, o que possui mais brilhantes tradições no andebol lisboeta. A fôlha de resultados sportinguistas nos 14 campeonatos passados de primeira categoria, inclui 167 encontros, com 139 vitórias, 10 empates e 18 derrotas. É de justiça reconhecer o brilhantismo desta impressionante relação de números.

Para completar a informação diremos quais foram os 18 vencedores do Sporting em jogos de campeonato: «Os Treze», 4 vezes (1937, 2 vezes; 1938 e 1942); Unidos ou «Caf», 4 vezes (1943, 2 vezes; 1944 e 1945); Belenenses, 3 vezes (1941, 1942 e 1943); Académico, 2 vezes (1933, na secretaria; 1936); Carcavelinhos, 2 vezes (1935, 1.ª derrota em campo; 1936); Lisgás, 2 vezes (1940 e 1941); Estoril Praia, uma vez, em 1944.

Os quatro clubes que maior permanência mantêm, com o Sporting, no campeonato registam as listas de resultados que vamos indicar:

«Os Treze», 156 encontros, com 89 v., 16 e., 51 d.; Belenenses, 155 encontros, com 80 v., 20 e., 55 d.; Benfica, 119 encontros, com 60 v., 13 e., 49 d.; Marvilense, 135 encontros, com 51 v., 10 e. e 74 derrotas.

José de Eça

# SURPRESA! 1-0 a favor do BOAVISTA

Todos os jogos são difíceis...



Azevedo, em recurso defende a sôco. Manuel Marques aguarda o desenrolar dos acontecimentos



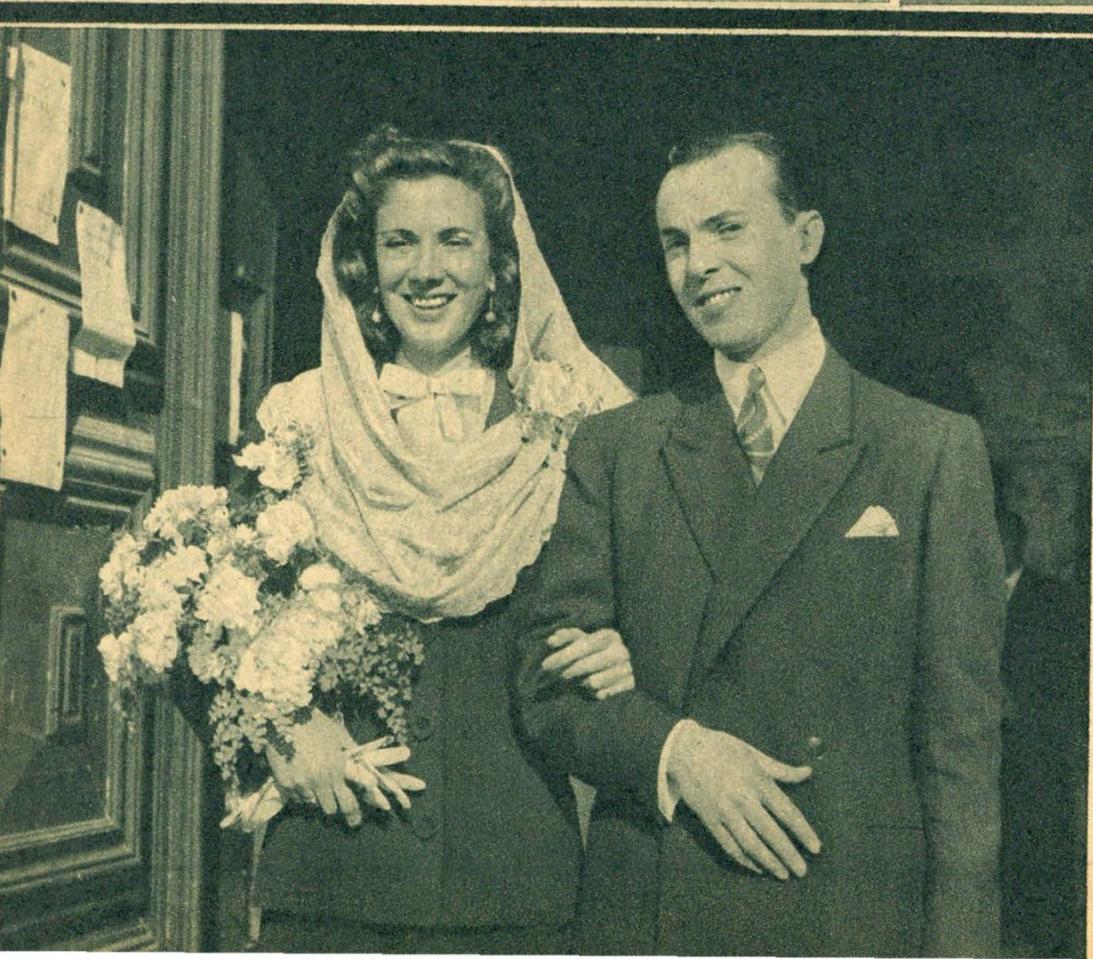
Mota, o guarda-rêdes do Boavista, por sinal, elemento da reserva, defende por alto. Albano seguiu o lance, cumprindo a sua obrigação



Mota defende sem dificuldades um remate de Peyroteo

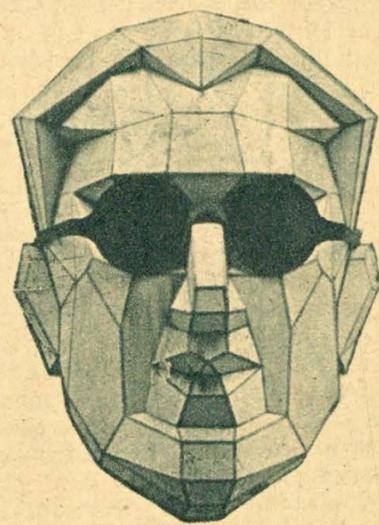


O choque entre Raimundo, médio do Boavista e Peyroteo. Não há perigo!



O desporto também tem o seu mundanismo. Eis aqui o casamento de uma atleta do Sporting, Maria Ester de Moura Cabral, à saída da igreja de Arroios, na companhia do seu espôso, o sr. Martins Gomes.

Maria Ester, a conhecida Tété, abandona as competições desportivas em que tanto brilhou, praticando natação, atletismo, ténis de mesa e basquetebol. Praticará agora a ginástica da vida, às vezes bem árdua. «Stadium» deseja-lhe as maiores venturas.



**GIL**  
**OCULISTA**

FUNDADA EM 1865  
Deposítaria das lentes "ZEISS"  
Binóculos, Termómetros  
Bússolas de marcha, etc.  
Aparelhos de Precisão  
136, RUA DA PRATA, 140  
Telefone 22829 LISBOA